



FRANCISCO FERNANDO VERSOS BRITES

Francisco Fernando Versos Brites nasceu, em 7 de Dezembro de 1953, na Ericeira. É filho de Fernando Bonifácio da Silva Brites [por alcunha “Moleiro”], pescador artesanal e sinaleiro, e de Maria dos Santos Ferreira Versos Brites, doméstica. Tem seis irmãos – Maria Helena Versos Brites, António Fernando Versos Brites, José Domingos Versos Brites, Maria da Conceição Versos Brites e Ana da Conceição Versos Brites.

Fez a quarta classe na Ericeira com os professores Botelho [António Félix Botelho], Adelina e “Necas” [António Santos Cruz]. Inicialmente, frequentou a escola até à terceira classe. Aos treze anos foi trabalhar com o pai para o mar. Tirou a cédula marítima com catorze anos. Regressou à escola com dezasseis anos para terminar a quarta classe em 28 de Janeiro de 1971.

Nesse tempo (1966-1967), as redes utilizadas para a pesca da lagosta, as chamadas redes volantes, eram feitas de nylon¹ e tinham um pano (rede de emalhar) com malha treze. Os entralhos tinham 21cm de comprimento, as distâncias entre as bóias da cortiçada e os chumbos da tralha do fundo eram respectivamente 13cm e 22cm. Tinham 15 malhas de altura por 150 entralhos de comprimento.

As redes utilizadas para a pesca do linguado eram igualmente de nylon e tinham três panos cada (redes de tresmalho). Uma caçada era composta por 15 redes. Francisco Brites faz questão de acentuar – «Quem as tinha! Outros tinham só 10 ou 12 ou mesmo menos. Só quem podia é que tinha a caçada completa.» A companha tinha 4 a 5 homens.

Partiam para a pesca à tarde depois do almoço, largavam as artes e voltavam a terra. No dia seguinte, saíam cerca das cinco horas da manhã para alar as redes, naturalmente à mão.

Em 20 de Janeiro de 1969, Francisco Brites inscreveu-se na Delegação Marítima da Ericeira sendo-lhe atribuída a cédula com o nº 1.555.

Em 1971, após terminar a quarta classe embarcou nos arrastões, em Lisboa. Andou por lá até ir para a tropa. Embarcou no arrasto costeiro, de moço pescador, no “Rio Douro” (26.01.1972-18.02.1972), no “S. Gonçalo” (22.02.1972-01.09.1972) e no “Praia da Barra” (04.09.1972-11.11.1972), de marinheiro pescador, no “Despertar” (15.11.1972-01.09.1973) e no “Santa Maria Mar” (30.10.1973-30.04.1974).

Os arrastões pescavam de norte ao sul do país com redes bacalhoeriras até às 250 braças de profundidade. Andou também ao arrasto de lagostins nos fundões de Sesimbra, ao sul do Cabo

¹Actualmente são utilizadas no fabrico do fio para as redes de pesca as seguintes fibras sintéticas: “nylon” (poliamida), poliéster, polietileno, polipropileno, álcool de polivinilo e fibras copolímeras. Existem ainda fios compostos.

Espichel. Pertenceu às companhias dos mestres Eduardo, de Sesimbra, Serafim Pereira, “Manuel Ronca” [Manuel Pereira Canudo], por alcunha “Manuel Penicheiro”, e “José do Norte” [José Anastácio Arsénio], pai do Rui Arsénio e do José André, todos da Ericeira.

Em 7 de Maio de 1974, entrou para a tropa, tendo passado à disponibilidade no início de Dezembro de 1975.

Em 1 de Dezembro de 1975, casou com Jacinta Maria Montoito Pitas Pereira, nascida a 12 de Fevereiro de 1956, na Ericeira. É filha de Joaquina Canária e de Joaquim Pitas Pereira, ambos jagozes. Tem apenas a terceira classe. É doméstica. O casal tem dois filhos, Ana Júlia Pereira Brites (36 anos, doméstica) e Francisco Joaquim Pereira Brites (29 anos, polícia).

No início de Dezembro de 1975, depois de terminar a tropa, Francisco Brites regressou à pesca nos arrastões com destino a Cabo Branco. Embarcou, como marinheiro pescador, no “Ilha do Fogo” entre 02.12.1975-17.12.1977 e entre 08.07.1978-20.06.1979. Trabalhou sempre para a “SNAPA, Sociedade Nacional dos Armadores da Pesca de Arrasto, S.A”.

Nessa época, ia para Lisboa, de camioneta, armar o navio e voltava a casa. Por vezes, ficava em Lisboa. A campanha de pesca durava mês e meio, de barra a barra. O peixe era congelado e gelado a bordo. Arrastavam desde a Mauritânia até à costa do Senegal. A aviação dos mantimentos era feita no Senegal. Depois da aviação pescavam, em regra, cerca de mais quinze dias e regressavam a Lisboa.

Em 1976, a companhia desarmou e armou novamente o navio, que foi arrastar para a costa da Guiné com redes de camarão. O barco tinha montados dois “tangones” para duas redes. Uma arrastava por bombordo, a outra por estibordo. De acordo com Francisco Brites, as redes para apanhar camarão eram cópias das redes utilizadas pelos japoneses. Tinham uma chocalheira em corrente de ferro, com 48m de comprimento, que andava à frente da rede para remexer o fundo. Francisco Brites confessou-nos que chegou a ir a um barco japonês tirar cópia das redes.

Quando faltavam oito dias para o final da campanha, o barco foi aprisionado por uma vedeta do Senegal, pois encontrava-se a pescar dentro das águas territoriais senegalesas segundo as autoridades. De acordo com o capitão do navio português não estavam em transgressão. Estiveram presos durante três meses. Ao fim dos seis meses, Francisco Brites pensou que já não regressaria mais a casa.

Em 18 de Dezembro de 1977, a companhia regressou a Lisboa de avião. O navio regressou posteriormente. A companhia desarmou o navio e voltou a armar novamente para pescar em Cabo Branco com redes bacalhoeras. O armador queria que partissem com menos três homens na companhia. A dada altura diz-nos: «Houve qualquer coisa comigo, disse que não embarcava nessas condições, apesar do armador ter prometido meter os homens em falta nas Canárias, pois já anteriormente tinha prometido meter tripulantes nas Canárias e nunca o fizera.» Não regressou mais à pesca do arrasto.

Em 26 de Dezembro de 1977, fez exame, com sucesso, para marinheiro pescador na Capitania do Porto de Cascais.

Em 1978, regressou à Ericeira e começou a governar a embarcação “Regresso ao Lar”², propriedade do “Ti” Alfredo, pai da Adelina [Alfredo Lourenço Baladão]. Pescava com redes de linguado com as seguintes características: cinco malhas pequenas (malha 10), entralho do chumbo de 22cm, alvitana com malha de 31cm e três malhas de altura, ou 40 malhas, com 200 entralhos e 1.000 malhas de comprimento. A caçada completa tinha 15 redes. Pescava corvinas, linguados, robalos, raias, etc., «o que aparecesse.»

Em 26 de Maio de 1983, ficou aprovado no exame para de arrais de pesca local.

Em 15 de Outubro de 1991, ingressou na categoria de arrais de pesca. Em 5 de Novembro, fez exame de ajudante de motorista, na Escola Portuguesa de Pesca, tendo ficado aprovado.

Francisco Brites tinha treze anos quando foi, pela primeira vez com o pai, à pesca do safio, designada parceria, nos cascos de navios afundados. A parceria era uma modalidade de pesca

² Alfredo Lourenço Baladão comprou o “Regresso ao Lar” a José Fortunato Caravela da Silva [por alcunha “José dos Pios”] em 23 de Julho de 1974. Tinha 7,03m de comprimento, 3,884T de arqueação bruta e um motor “Lister” de 24 H.P. Estava equipado um alador hidráulico para redes da marca “Simplex” fabricado pela empresa “Laranjeiro”.

artesanal jagoz, hoje extinta, em que dois barcos iam pescar safios, em pesqueiros distantes da Ericeira, normalmente em cascos de navios afundados ou pedras piscosas, em parceria. O peixe capturado (safios) pelas duas embarcações era vendido na lota em comum, isto é, em nome dos dois barcos. O dinheiro apurado na lota era dividido ao meio pelas duas companhas das embarcações. Francisco Brites fazia parte da companha da embarcação “Florinda”³ juntamente com José Miguel “que Deus tem” [José Miguel Conceição Rodrigues], proprietário e arrais, o irmão António Brites, “Francisco Foção” e “Ti” José Lourenço, irmão do “Mário dos Táxis”. A outra embarcação da parceria chamava-se “Antoninho”⁴. A companha era composta por António Garamanha [António Pereira de Matos], proprietário e arrais, o pai Fernando Brites [por alcunha “Moleiro”], “Menino Santo” [Fernando Santos] e “Ti Abílio Gago” [Abílio Sá].

O pai governou a embarcação “Generosa Maria”⁵ propriedade de “Ti” Narciso [Narciso Neto Espada], pai do “Papum”. Mais tarde, fez parte das companhas, primeiro, da “Deus Manda”⁶, depois, da “Antoninho”, ambas de António Garamanha, da “Florinda”, de José Miguel, do “Sol Posto”, com Alberto Leal de Barros, e finalmente do “Melreu”⁷, de António Barata, proprietário do café “Central”.

Quando iam à parceria, pescavam em frente à barra de Lisboa. Partiam da Ericeira e navegavam durante cinco a seis horas até chegar ao pesqueiro. Só se aventuravam nesta pesca «com tempo limpo, limpo, limpo e relativamente bom para os velhos conseguirem ver os sinais em terra.» Naquela região faz normalmente muito vento. Tanto iam de Inverno como de Verão, partiam quando o tempo estava calmo e bom. Saíam de manhã, cerca das nove, dez horas. Quando chegavam ao pesqueiro, cerca das quatro horas da tarde, os velhos começavam a tirar as referências e preparavam as amarrações para fundear o barco. Francisco levava vinte e cinco carcaças de farnel. Comia apenas pão seco. A ração da companha era pão seco, vinho e “charros” [chicharros] grelhados que pediam aos arrastões.

A arte de pesca era constituída por uma linha de mão multifilar torcida com três milímetros de diâmetro, uma chumbada, denominada “pandulho” (pedra grande amarrada com um fio) e uma “jogada” de dois anzóis grandes com patas de quatro centímetros de abertura e três milímetros e meio de diâmetro. Se durante a pesca perdessem anzóis pescavam apenas com um. Os anzóis eram empatados com fio louro (arame de coloração aloirada), a cuja gaça era atada um fio de nylon unifilar de dois milímetros de diâmetro. A cada anzol estava acoplado um fio louro para envolver e prender a isca. Para armar a arte atava-se a “jogada” à linha e depois amarrava-se o “pandulho” à gaça da linha. A arte era iscada com cavala (escalada), sardinha, choco ou polvo. Os safios pesavam cerca de 30-40kg, os mais pequenos tinham perto de 20kg.

Ainda hoje se recorda bem – «Eu tinha quase catorze anos, a gente fomos para a Barra de Lisboa e então ouvia eles estarem a dizer – É pá, é com a corva à bola, à bola Nívea que era ali da costa, a Costa da Caparica, e tem lá ainda, e tem a corva, a corva é uma serra que faz lá por cima», um vale da serra, «a corva tinha que estar enfiada mesmo com a bola Nívea e era com Nossa Senhora à Casa

³Em 4 de Fevereiro de 1969, José Miguel Rodrigues comprou a embarcação “Florinda” a Policarpo Vicente Isaac. Tinha 7,05m de comprimento e 4,00T de arqueação. Estava equipada com um motor “Perkins” de 33 H.P.

⁴Em 24 de Junho de 1967, António Pereira de Matos registou a embarcação “Antoninho” que comprara ao construtor naval de Peniche, João Príncipe, em 18 de Abril. Tinha 6,96m de comprimento e 3,61T de arqueação. Estava equipada com um motor “Mercedes Benz”.

⁵Em 12 de Março de 1952, Narciso Neto Espada adquiriu a embarcação “Generosa Maria” a João da Luz Pardal. Tinha 6,17m de comprimento e 3,769T de arqueação. Destinava-se à «pesca local a anzol à linha». Estava equipada com um motor “Solo” de 8 H.P., que em Outubro de 1957 foi substituído por “Petter” de 15 H.P.

⁶Em 6 de Março de 1964, António Pereira de Matos, comprou a embarcação “Deus Manda” a Alberto Rodrigues Fernandes. Tinha 7,25m de comprimento e 4,795T de arqueação bruta. Estava equipada com um motor Buck de 10/12 H.P. (cavalos) que em Fevereiro de 1966 foi substituído por um “Mercedes Benz” de 42 H.P. Em 17 de Junho de 1967, foi vendida a José Maria Bagueiro, morador em Vila Franca de Xira, tendo sido aí registada em 15 de Março de 1969. A embarcação foi construída em Dezembro de 1949 por Francisco Fernandes Malheiro residente em Peniche.

⁷Em 15 de Junho de 1990, a embarcação “Melreu” foi comprada por Maria de Lurdes Martins Fernandes Leite do Carmo, mulher de António Barata, proprietário do café “Central”, a Fernando de Carvalho Oliveira com estaleiro na Nazaré. Estava equipada com um motor “Yamaha” de 62 H.P. (cavalos) e tinha 6,22T de arqueação bruta. Chama-se actualmente “Paraíso da Ericeira” e está registada no Clube Naval na pesca turístico desportiva.

da Catatau⁸, a Casa do Catatau era ali por leste da Guia [Farol da Guia], com Nossa Senhora mesmo enfiada em cima da Casa do Catatau» esse pescueiro chamava-se o “Japonês”. O nome deriva de um barco japonês afundado no tempo da guerra. A Casa do Catatau já não existe, estava construída à beira da falésia. Nossa Senhora é o nome dado pelos pescadores jagozes ao Palácio da Pena, na Serra de Sintra.

E prossegue – «No meu barco, “Nosso Sonho”⁹, fui pescar ao “Trigo”, aqui há vinte e tal anos. Esse pescueiro situa-se quase em frente a Cascais, em frente à Guia, a quarenta e três braças de água. O nome deriva de um barco afundado durante a guerra que ia carregado de trigo. Fui lá pescar com os sinais antigos, do tempo do meu pai. Apanhei lá 1.250kg de safios. O safio maior tinha 37,5kg e o mais pequeno 18kg. Quando cheguei aqui, o meu pai estava ali no cais à minha espera. Não sabia onde é que tínhamos ido pescar, ele olhou para o peixe e disse assim – Esse peixe é do “Trigo”.» «Passado uma semana ou duas, fomos pescar ao safio outra vez. O tempo estava bom, estava calminha, estava marés de quarto, gostava de pescar com marés de quarto e gosto ainda hoje de pescar com marés de quarto, e os antigos também pescavam com marés de quarto e fui lá por fora da barra de Lisboa ao tal “Japonês”. Levava os sinais dentro da cabeça de quando era rapazeco. Verdade! Mantinham-se a Casa do Catatau, a corva e a bola “Nívea”. Fui lá, até ia mal disposto por aí fora, com aquela ânsia. Chegámos lá, e com a sonda encontrámos logo o pescueiro! É pá! Está aqui! Fundeámos o barco. Largámos logo um ferro mesmo atravancado encima dele, a pique. Largámos mais três ferros, um a caminho de oeste noroeste e um a caminho de leste sueste e um pela popa a caminho de sul. Aquele ferro a pique era para ficarmos mesmo no sítio. Começámos logo a pescar. Eram quatro horas da tarde.» A companhia era constituída por Francisco Brites, o seu cunhado Domingos [Domingos Pereira Bonifácio], “Manuel Guiné” [Manuel Bernardes Carramona] e “Nelinho do Manco” [Leonel Mano Coimbra].

«Iscámos com sardinha e cavala. Vinham dois safios de cada vez. Uma das vezes, a pesca trouxe dois safios de 40kg. Depois tive que ir ajudá-los a “trancar” os peixes. Andava sempre aos saltos de um lado para o outro. Alguns camaradas tinham medo dos peixes, pois eram muito grandes. Apanhámos 1.150kg de peixe.»

Perguntámos a Francisco Brites se conhecia algum avião afundado na costa. A resposta surgiu rápida – «Está aqui um avião a vinte e cinco braças de água encostado à pedra, da parte sul da “Sarrada”¹⁰ do Magoito”, ou que seja, ali mais ou menos em frente à Praia das Maças. Cheguei a apanhar lá muitos robalos com redes. Naquele tempo, Francisco Brites sabia que esse pescueiro não tinha safios porque nunca vinha uma “chucha” na rede. A “chucha” forma-se quando o safio se atira a um peixe ou polvo malhado na rede. Após abocanhá-lo, enrola-se, faz uma bola na rede, deixa o garro na rede e vai-se embora. Faz uma “chucha” do tamanho da cabeça de um homem. Vê-se bem o garro na rede. Quando abocanha um sargo ou um peixe, com bicos ou espinhos, embucha, morre e vem para cima. Apanhei lá muito robalo. Parece-me que desde que não ando ao mar (a governar), não há uma lebre, eu deveria ser o único que fazia isso.»

«Apanhei também muitos pregados, rodovalhos, linguados e arraias no “Cascão”.» O “Cascão” é um casco afundado com as seguintes marcas: «Está ali com Nossa Senhora à piscina do hotel, situado na parte norte da Praia Grande. Encontra-se mesmo encostado à pedra, lá fora a 43 braças, depois para o sul é areia.» Não se recorda da segunda marca. Mas com a informação aqui dada é possível, ainda hoje, localizar o pescueiro.

O primeiro barco, chamado “Nosso Sonho”, foi encomendado em Peniche ao Asdrúbal Pompílio¹¹ [activo até 1990, na Praia da Gambôa, em Peniche de Cima], o segundo¹² foi encomendado no Alto do Veríssimo, ao Alfredo Gonçalves Andrade, em Peniche também.

⁸A Casa do Catatau era provavelmente a Casa do Catalão ou Casa da Pólvora. Situava-se a leste do Farol da Guia segundo o Roteiro da Pesca de Arrasto da Costa Continental Portuguesa, Edição da revista Boletim da Pesca, Lisboa, 1948.

⁹Em 19 de Maio de 1982, Domingos José Pereira Bonifácio e Francisco Fernandes Versos Brites registaram a embarcação denominada “Nosso Sonho”, comprada à “Sociedade de Construção Naval, Os Calafates de Peniche, Lda.”, com o nº E311L. Estava equipada com um motor Liste de 30 H.P. Tinha 2,36T de arqueação bruta. Dedicava-se à pesca local, classe I.

¹⁰Na Ericeira, “sarrada” significa área marítima com fundo de pedra.

¹¹Sócio da “Sociedade de Construção Naval, Os Calafates de Peniche, Lda.”

Enquanto governou os seus barcos, as partes da companhia eram ajustadas como se segue – do dinheiro que vinha da lota deduzia as seguintes despesas: isca, gasóleo e puxada do tractor. Do que restava, 50% era para o barco e 50% para a companhia, tanto às redes, como ao aparelho. Os 50% destinados à companhia eram distribuídos proporcionalmente pelo seu número de elementos. Descontava para a Mútua dos Pescadores, o que significa que todos os homens tinham seguro de trabalho. O barco estava igualmente seguro.

No dia-a-dia, sempre que o trabalho com as redes era fraco, tomava a decisão de largar o aparelho de fundo. Com esse fim em vista, mandava vir sardinha. Levantava-se à meia-noite, quando a sardinha chegava, para iscar o aparelho. Às cinco horas da manhã partia para o mar. Quando chegava ao pesqueiro, largava o aparelho. Vinha o dia e começava a alar a arte.

Há cerca de quinze anos atrás quando a pesca estava má, começou a trabalhar na construção civil, a armar ferro. Quando não havia obras ia para o mar. Andava ao mar com outros, como companheiro, já não tinha barco. Vendeu o barco por essa altura. Trabalhou na construção durante sete anos.

Perguntámos a Francisco Brites como é que o pai tinha elaborado o roteiro. A resposta surgiu na ponta da língua sem qualquer hesitação – «Os desenhos foram todos feitos pelo meu pai. Não tem nada dos outros. O meu pai tinha tudo dentro da cabecinha dele. O texto foi escrito pelo meu irmão António, que era quem estava cá na altura. O meu pai não sabia ler nem escrever. Só sabia assinar o nome.» Os números existentes nos desenhos referem-se à profundidade em braças, a que se encontram os pesqueiros.

Sobre o pesqueiro “Espanhol” do seu roteiro declarou: «Este já fui eu que fiz tudo. Tudo feito por mim. Ainda quis lá levar o meu pai», mas entretanto ele morreu. «Este foi assim – Andava, Andava, Andava lá, para trás e para diante. Sabia mais ou menos o sinal e tal. Uma vez, o “Nita de Cascais” disse-me: Oh Chico! Tive lá fixe.» Isto enquanto arrastava. «Disse-lhe várias vezes: Oh “Nita”! Vê se me dás os sinais do “Espanhol” ou o “coiso” do radar, para aqui e para acolá e, tal. Um dia, respondeu-me – Deixa estar, que eu dou-te. E deu-me. Fui lá pescar, só com mar bravo, uma bravia de mar, tempo sueste, o barco encarreirava, ainda apanhámos sete ou oito safios. Nunca mais lá fui. Já não vou lá, há mais de 20 anos.»

Em 1995, Francisco Brites pertenceu à companhia do “Eunice”, em 1997, à do “Deus é Amor”, depois à do “Lula”, em 2007, à do “Melreu”, pertencente a Luís Alberto Alves Malheiro, e, em 2011/12, à do “Lua Aberta” do “Carlota” [João Carlos Pereira].

Hoje, na Ericeira existem no activo três, quando muito quatro, pescadores que sabem fazer, armar e entralhar redes. Francisco Brites é um dos poucos pescadores jagozes que sabe fazer, reparar, entralhar e armar redes. Por essa razão, solicitei a Francisco Brites que nos descrevesse as artes de pesca com que trabalhou desde a década de 1980 até ao presente na Ericeira.

Aparelhos de anzol (Palangres):

O aparelho de fundo destina-se a pescar safios, pargos, abróticas, raias, etc. Lançava-se primeiro a cabaça (bóia constituída por um bocado de esferovite), em seguida a poita (pedra), e depois o aparelho, que era amarrado a três braças da poita e iscado com sardinha ou cavala. Tinha madre de 130 (1,30mm) ou 140 (1,40mm) de diâmetro e estralho de 70 (0,70mm) ou 80 (0,80mm) de diâmetro. A distância entre estralhos era de braça e meia. O estralho tinha uma braça de comprimento e era empatado com anzóis n^{os} 8 ou 9. Por fim, lançava-se outra cabaça e a respectiva poita. Quando vinha o dia, largava-se o aparelho. Decorrida cerca de uma hora, alava-se. Esta técnica de pesca era utilizada durante todo o ano.

O aparelho da lula é um aparelho de fundo, que apresenta estralhos, de meia braça de comprimento, iscados com lula. Era utilizado quando havia bom tempo, tanto de Verão como de Inverno.

Largava-se de madrugada, quando vinha o dia, passado cerca de uma hora, alava-se.

¹²Em 25 de Setembro de 1989, Domingos José Pereira Bonifácio e Francisco Fernandes Versos Brites registaram a embarcação denominada “Nosso Sonho” com o nº E360L. Estava equipada com um motor “Caterpillar” de 85 H.P. Tinha 5,89T de arqueação bruta. Dedicava-se à pesca local.

O aparelho para o robalo era igual ao aparelho do fundo, diferia na distância entre dois estralhos consecutivos, que era de duas braças, e «era boiado», isto é, «levava uma bóia de cinco em cinco anzóis ou quatro, em vão.» Era utilizado de Junho em diante, a altura do robalo. Francisco Brites pescava a partir de Junho até enquanto houvesse pilado. Usava o aparelho durante três a quatro meses ou mais. «Enquanto houver pilado, há sempre robalo.» Deixava o aparelho do robalo a pescar de um dia para o outro.

O aparelho para a corvina era idêntico ao do robalo, igualmente «emboiado», mas iscado com amostras de borracha ou pilado.

Redes de emalhar¹³:

A rede de emalhar tem apenas um pano e destina-se a capturar robalos, sargos, douradas, isto é, apanha uma maior variedade de peixes. A rede tem 50 malhas de altura ou mais. As tralhas têm 7cm e 8cm de diâmetro. Se a rede se destinar a um barco grande tem de ter as tralhas mais grossas, para os barcos como os nossos, mais pequenos, a tralha tem 7cm e 6cm de diâmetro. Tem igualmente 1.000 malhas de comprimento. A distância entre entralhos é de 28cm para a tralha do chumbo e de 27cm para a da cortiçada. Utilizam-se o ano inteiro. O tempo de pesca no mar é de duas a quatro horas, mas também pode pescar de um dia para o outro.

Redes de tresmalho:

As redes para apanhar pregados, arraias, rodovalhos e outros peixes grandes («Pode vir uma corvina») chamam-se rascos. O rasco destina-se a capturar peixes grandes.

O pano interior tem malha 18, 20 ou 22. A alvitana tem quatro malhas, a distância entre entralhos é de 29cm para a tralha do chumbo e de 28cm para a da cortiçada. A tralha do fundo lastrado tem 8cm de diâmetro e a tralha da cortiçada 10cm. Tem 1.000 malhas de comprimento. Actualmente, Francisco Brites não entralha redes com 800 malhas. Utilizam-se o ano inteiro. Permanece a pescar no mar de um dia para o outro.

Reformou-se em 2012. Para ajudar a passar o tempo, repara e entralha redes em casa. De vez em quando, e apenas quando as marés são boas, vai à malhada.

Francisco Brites faz jus à tradição haliêutica jagoz, pois é um exímio cozinheiro. Apresentamos em seguida as suas principais receitas:

Arroz de choco – «Amanha-se o choco. Tira-se a pele, o dente, os olhos e limpa-se. Tira-se a “bocha” e a tripa. Deixa-se o coral e o recheio, a que eu chamo creme de chocolate. O creme de chocolate é uma ova do choco. Corta-se o choco aos bocadinhos e deita-se num alguidar com água. Para dentro do tacho corta-se uma cebola ou duas aos bocados. Meto alho, azeite e piri-piri, uma malaguetazinha. Meto tudo em cru. Quando a cebola está cozida, meto a varinha mágica dentro do tacho para ficar tudo desfeito. Meto duas cervejas médias. Eu não te queria dizer o segredo. Mete-se o choco e coze na cerveja. Quando o choco está cozido, mete-se uma pinga de água para o arroz. Fica caldoso. Mete-se o arroz carolino ou deste vaporizado. Antes de pôr o arroz gosto de pôr um bocadinho de vinagre. Quando estiver cozido, está pronto.»

Caldeirada – «Meto cebolas às rodela, tomate madurinho, pimento encarnado, um ou dois, e alho, para fazer a camada. Se houver uns mexilhões para pôr por baixo, é melhor. Depois meto uma camada de peixe, safio, tremelga, tamboril, ruivo, arraia e galinha-do-mar. Leva uma camada de batata, outra camada de cebola, tomate, pimentos e alho, outra camada de peixe e leva uma camada de cebola outra vez, leva outra vez a batata, de acordo com o tamanho do tacho. Mete-se o azeite, uma cerveja de litro. É a única água que leva, eu não gosto de vinho branco, e uma malaguetazinha ou duas. E está feito o comer. Depois do pessoal comer, mete-se o caldo da caldeirada dentro de um

¹³Por pesca por rede de emalhar entende-se qualquer método de pesca que utiliza estrutura de rede com forma rectangular, constituída por um, dois ou três panos de diferente malhagem, mantidos em posição vertical por meio de cabos de flutuação e cabos de lastros, que pode actuar isolada ou em «caçadas» (conjunto de redes ligadas entre si, ficando os espécimes presos na própria rede). - Portaria 1102-H, de 22 de Novembro de 2000.

tachinho, acrescenta-se um bocadinho de água, e mete-se o cotovelinho para fazer a sopinha. Gosto de meter um raminho de hortelã.

Massada de pata-roxa – «No tacho mete-se uma cebola, um tomatinho maduro, azeite, cerveja (uma cerveja média ou duas), para fazer o caldo. Quando estiver cozido, passo tudo com a varinha mágica. Coze-se a pata-roxa. A bordo do barco não podia usar a varinha mágica. Aqui em casa passo com a varinha mágica. Acrescenta-se a água necessária para fazer a massa. Eu costumo fazer assim – meto as cervejas, passo, meto a pata-roxa, tiro a pata-roxa quando estiver cozida, para dentro de um “tabuleirozinho”, acrescento um bocadinho de água e depois meto a massinha [cotovelos] a cozer.»

Polvo frito – «Amanha-se o polvo, mete-se a cozer com uma cebola com casca e um bocado de azeite e água. Pouca água, um copo de água. Cozo na panela de pressão. Leva vinte minutos. No tacho leva uma hora, nunca se mexe no polvo, em lume “brandinho”. Coze devagarinho. Tira-se o dente, os olhos, e um tendãozinho que tem ao pé da cabeça, da bocha. Tiro o polvo. Deixo-o escorrer. Quando estiver seco, corto aos bocados. Meto a frigideira ao lume com azeite e um ou dois dentes de alho, e passo-o por farinha de milho fininha num prato antes de ir fritar. Todo o peixe que frito passo em farinha de milho fininha. Dá-se duas voltinhas para cada lado, parece que o polvo foi passado por ovo. Acompanha-se com batatas cozidas, arroz de pimentos ou legumes.»

Arroz de pimentos – «Tira-se a pele toda ao pimento vermelho, corto aos bocadinhos, muito pequeninos, meto a cebola picada em azeite, depois passo e acrescenta-se a água. Mete-se o pimento. Depois meto o arroz a cozer.» Quando lhe faço saber que nas receitas nunca nomeou o sal – Responde prontamente – «Não sou muito amante de sal. Meto pouco sal. O sal faz mal.»

Entrevistas feitas em sua casa, na Ericeira, em 10 e 17 de Junho de 2012 e 21 de Março de 2013. Agradeço a colaboração de Júlio Lopes e de Isidoro Pereira [por alcunha “Carapau”] na identificação dos nomes a partir das alcunhas.

Francisco Esteves, Ericeira, Março de 2013.